

RONALDO TAMBERLINI PAGOTTO

AILENDE

e o governo popular



NUÉSTRÁ
AMÉRICA

expressão
POPULAR

ALLENDE

e o governo popular

RONALDO TAMBERLINI PAGOTTO (ORG.)

ALLENDE e o governo popular

1ª edição

Expressão Popular

São Paulo – 2023

Copyright © 2023, by Editora Expressão Popular Ltda.

Produção editorial: Miguel Yoshida
Tradução: Aline Piva e Miguel Yoshida
Revisão de tradução e preparação: Lia Urbini
Revisão: Miguel Yoshida
Projeto gráfico e diagramação: ZapDesign
Capa: Kael Abello, Utopix, Venezuela
Impressão e acabamento: Paym

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

A432 Allende e o governo popular / Ronaldo Tamberlini Pagotto (org.) ;
coletânea de textos traduzidos do espanhol por Aline Piva e
Miguel Yoshida.--1. ed.--. São Paulo : Expressão Popular, 2023.
234 p.

ISBN 978-65-5891-112-8

1. Allende, Salvador, 1908-1973 – Biografia. 2. Allende,
Salvador, 1908-1973 – Político chileno. I. Pagotto, Ronaldo
Tamberlini. II. Piva, Aline. III. Yoshida, Miguel. IV. Título.

CDU 923.283

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich - CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: setembro de 2023

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

Alameda Nothmann, 806

Sala 06 e 08

01216-001 – Campos Elíseos – SP

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

 ed.expressaopopular

 editoraexpressaopopular

SUMÁRIO

50 ANOS DO GOLPE NO CHILE: NÃO ESQUECEREMOS, NÃO SE REPETIRÁ!	7
<i>Ronaldo Tamberlini Pagotto</i>	
SALVADOR ALLENDE, O REVOLUCIONÁRIO: SOCIALISMO, PODER POPULAR E SOBERANIA	19
<i>J. Fabian Cabaluz, Pedro Rosas A. e Cristian Oliveira G.</i>	
PROGRAMA BÁSICO DE GOVERNO DA UNIDADE POPULAR ...	71
CHEGA DE DESIGUALDADE SOCIAL	101
<i>Salvador Allende</i>	
A “VIA CHILENA AO SOCIALISMO”	117
<i>Salvador Allende</i>	
O COBRE DO CHILE AGORA É CHILENO	133
<i>Salvador Allende</i>	
DISCURSO AOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE DE CONCEPCIÓN	157
<i>Salvador Allende</i>	
DISCURSO NA 27ª ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS, EM NOVA YORK, 4 DE DEZEMBRO DE 1972	175
<i>Salvador Allende</i>	
DISCURSO NO TERCEIRO ANIVERSÁRIO DO TRIUNFO DA UNIDADE POPULAR	207
<i>Salvador Allende</i>	
A CARTA QUE GOSTARIA DE TER ENTREGUE NO CHILE	213
<i>Gladys Marín</i>	
ESTUDAR O PASSADO PARA CONSTRUIR O FUTURO	221
<i>Marta Harnegger</i>	

50 ANOS DO GOLPE NO CHILE: NÃO ESQUECEREMOS, NÃO SE REPETIRÁ!

RONALDO TAMBERLINI PAGOTTO

*Yo pisaré las calles nuevamente
De lo que fue Santiago ensangrentada
Y en una hermosa plaza liberada
Me detendré a llorar por los ausentes
Yo vendré del desierto calcinante
Y saldré de los bosques y los lagos
Y evocaré en un cerro de Santiago
A mis hermanos que murieron antes
Yo unido al que hizo mucho y poco
Al que quiere la patria liberada
Dispararé las primeras balas
Más temprano que tarde sin reposo
Retornarán los libros, las canciones
Que quemaron las manos asesinas
Renacerá mi pueblo de su ruina
Y pagarán su culpa los traidores
Pablo Milanés
(Yo pisaré las calles nuevamente)*

Terça-feira, 11 de setembro de 1973, data prevista para um plebiscito popular convocado pelo presidente Salvador Allende em resposta à escalada golpista em ponto de ebulição. A situação estava dramática, por um fio, e as forças organizadas na Unidade Popular (UP) buscavam uma saída política, social e militar para derrotar a escalada golpista. Um golpe anunciado desde a vitória eleitoral e durante todo o governo. Naquela manhã as forças armadas saíram da caserna e atacaram a democracia e o povo chileno.

As imagens dos ataques ao Palácio La Moneda (Presidencial) percorreram o mundo. O presidente foi morto, as ruas da capital e

das principais cidades foram varridas em uma caça perpetrada pelas Forças Armadas e por setores da direita com a ordem de prender, torturar, desaparecer e executar. O golpe não poupou esforços e entregou o poder para uma junta militar, que imediatamente foi reconhecida e apoiada internacionalmente pelos EUA e países alinhados.

Antes de ser consumado o golpe em setembro de 1973, o que se viu foi uma campanha de boicotes, bloqueios, sabotagens, terrorismo e todo tipo de conspiração. Tudo sob acompanhamento e apoio dos EUA, cujo presidente Richard Nixon em uma reunião na Casa Branca em setembro de 1970 bradou para Henry Kissinger, poderoso secretário de Estado, conforme anotações do diretor da CIA, Richard Helms, que a eleição de Allende seria inaceitável e lançou a famosa frase: “Faremos a economia do Chile gritar por socorro”, como registrou Helms em um documento pessoal posteriormente revelado.

Após o golpe, o que se aplicou no Chile foi um conjunto de propostas econômicas nascidas nos países centrais para supostamente solucionar os problemas dos países da periferia do mundo. A proposta de um liberalismo inédito e violento seria adotada pelos golpistas. Seria ali o laboratório do neoliberalismo radical de liberais engravatados e de fala empolada, aplicado sob mão de ferro conjungando violência de Estado com o desmonte das economias locais. Todos sabemos o que fizeram no Chile com essa cartilha sustentada por uma ditadura militar desavergonhada.

A democracia e a luta popular foram asfixiadas, as forças políticas progressistas e democratas foram lançadas na ilegalidade e o povo pagou o duro preço de uma ditadura dirigida pelos militares sob coordenação dos setores oligárquicos orientados com as diretrizes de Washington e a cartilha neoliberal conduzida por Milton Friedman e seus *Chicago boys*.

A ação golpista daquele 11 de setembro fora demonstrada antes em ensaios ou tentativas frustradas, e não longe dali realizados em diversos países da América Latina e Caribenha. Passados 50 anos

desde aqueles dias intensos e duros, muito já se produziu de balanços, avaliações críticas, hipóteses e diferentes abordagens sobre os antecedentes e os momentos terríveis daquela manhã de setembro.

Embora muito já se tenha dito, escrito e falado sobre o golpe de Estado de 11 de setembro de 1973, que impôs uma derrota profunda nas forças populares do Chile e com consequências duras para toda a região, ainda é preciso estudar e sempre lembrar dos principais elementos presentes nessa história.

A proposta desta obra é reunir discursos, textos e reflexões sobre essa rica e intensa experiência de luta, sonhos, conquistas e muita ousadia.

A democracia a serviço das maiorias

A democracia representativa na América Latina e Caribenha foi conquistada com a luta popular, mas sempre serviu como mecanismo legitimador da conversão de minorias sociais em maiorias políticas. Grupos sociais pequenos – como grandes proprietários de terras, industriais, banqueiros etc. detêm muita força nas instituições de Estado – Executivo, Legislativo e Judiciário –, claramente assumindo a posição de maiorias políticas, por vezes em hegemonia. O principal mecanismo para garantir esse processo é o papel do poder econômico nas democracias, preponderante para determinar vitórias ou derrotas, as regras restritivas para a participação popular e outros aspectos.

Mas em diversas situações essas mesmas democracias limitadas permitiram que as maiorias sociais – trabalhadores/as, camponeses, pequenos proprietários – alcançassem maioria política. Esse processo aparentava subverter a dinâmica “natural” das democracias, que seria de legitimar o domínio político das classes sociais mais poderosas. A subversão da democracia foi atacada e golpeada e os exemplos são abundantes, merecendo destaque sempre a Guatemala de Jacobo Arbenz do final dos anos 1940; Getúlio Vargas, que se matou para conter um golpe; a execução do candidato favorito Jorge

Gaitan na Colômbia em 1948; o golpe em Cuba (1952); Argentina, com sucessivos golpes de Estado; América Central, Venezuela, Peru, Equador e muitos outros que conseguiram disputar por dentro do sistema da democracia.

O Chile apresentava uma “via chilena” para o socialismo justamente conjugando luta social com a luta institucional. Sucessivas derrotas do próprio Allende como candidato até a vitória em 1970, tinham uma importância estratégica: a democracia fora disputada pelo povo em luta, o que poderia resultar em um campo de batalha estratégico e de vitórias.

Novamente recorremos ao secretário de Estado Henry Kissinger, que foi pedagógico sobre a ameaça da via chilena para o socialismo: “Acredito firmemente que esta linha é importante no que diz respeito a seu efeito nas pessoas do mundo”, disse a Nixon em uma conversa telefônica em novembro de 1970, segundo os papéis divulgados pela primeira vez pelo Arquivo de Segurança Nacional.

“Se [Allende] puder demonstrar que pode estabelecer uma política marxista antiamericana, outros farão o mesmo”, afirmou o presidente estadunidense. Kissinger concordou: “Terá efeito inclusive na Europa. Não só na América Latina”.

Há outro trecho ainda mais didático do então Secretário de Estado:

O exemplo de um bem-sucedido governo marxista eleito no Chile certamente teria um impacto em – e até mesmo um valor como precedente para – outras partes do mundo, principalmente na Itália. A propagação imitativa de fenômenos similares em outros lugares, por sua vez, afetaria significativamente o equilíbrio mundial e nossa própria posição nele.¹

¹ Montes, Rocío. Richard Nixon: “Se houver uma forma de desbancar Allende, é melhor fazer isso”. El país, 11/11/2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-11-11/richard-nixon-se-houver-uma-forma-de-desbancar-allende-e-melhor-fazer-isso.html> Acesso em: 29/08/2023.

Na América Latina, o governo Allende foi a experiência mais ousada e por assim dizer radical da disputa por dentro e por fora dos instrumentos legais da democracia. Foi capaz de tensionar a legalidade para que os setores habitualmente subalternos tivessem voz – e vez. Foi vitorioso e desde a vitória combinou a ação dentro da institucionalidade com a ação de massas, a força viva da sociedade, pulsante, ativa e tenaz. Uma vitória nas urnas, dentro de um sistema que historicamente serviu como terreno de hegemonia das frações das classes dominantes minoritárias, seguido de um processo de mobilização permanente e governando com uma base social de massas com capilaridade, criatividade, capacidade de pressão e de tomar as ruas do Chile. Uma vivacidade incrível cobria o território com cantos, palavras de ordem, greves, paralisações e ação popular e de trabalhadores/as organizados/as. A vida pulsava em ritmo frenético.

Assim a questão foi abordada pela chilena Marta Harnecker:

A vitória de Salvador Allende apresentou às forças de oposição a seguinte alternativa: ou respeitar a maioria simples, como tradicionalmente se fazia no Chile, ou impedir, por qualquer meio, que o candidato marxista assumisse o governo. Esta última foi a saída que as forças mais conservadoras tentaram colocar em prática.

O processo eleitoral de 04 de setembro de 1970 resultou em uma maioria da Unidade Popular, que obteve 36,6% dos votos; menos de um ano depois, em abril de 1971, nas eleições municipais, as candidaturas da Unidade Popular obtiveram mais de 50% dos votos. Um crescimento importante, festejado pela esquerda e temido pela direita. O sinal de alerta já havia se tornado um ultimato para os golpistas: ou derrotavam essa experiência ou assistiriam o Chile abrir caminho para a luta socialista por dentro da democracia liberal.

Salvador Allende foi um dos arquitetos das vitórias (1970 e 1971), tendo como destaque também a capacidade de construção de unidade dentre os setores progressistas e de forjar alianças políticas

com setores centristas, mesmo sob forte tensão e pressão dos setores da direita golpista para dividir a Unidade Popular e também dos setores do governo de fora do arco progressista da UP.

Nesse processo, como vimos, o imperialismo não deu trégua. Grupos da CIA, sob comando do presidente e do secretário de Estado, atuaram desde antes das eleições, mas de modo mais intenso após a vitória, para desestabilizar o governo e a alternativa chilena. Foi uma multiplicidade de esforços: doutrinação de militares na Escola das Américas; financiamento de grupos de oposição; presença de militares dos EUA em diversos setores das Forças Armadas e da Polícia Nacional (Carabineiros); financiamento de grupos de sindicatos patronais; tensões internacionais com o Chile (boicotes, ações para atacar setores econômicos ligados ao mercado internacional, etc.); financiamento de *lockouts* (greves patronais) etc. Além de orientação e financiamento de toda a oposição diretamente pela Embaixada dos EUA. Não houve um dia de calmaria.

O método é o que já se conhece em toda América Latina e Caribenha: desestabilização econômica, política e social; financiamentos; guerra ideológica – centralmente com o discurso anticomunista, defensor dos costumes e religiosidade e intervenção nas Forças Armadas. O governo enfrentava uma batalha épica para construir saídas populares para os graves problemas do povo, mas os inimigos de sempre deram a tônica daquela rica e intensa experiência.

Os setores populares, a esquerda organizada, os partidos da Unidade Popular não pouparam esforços para enfrentar a crise de duas dimensões complementares: a crise de um país dependente e centrado na exportação e a crise causada pela ação golpista via boicotes, sabotagens e bloqueios provocadas pelos EUA.

O grande “pecado”, “crime” ou atrevimento dos chilenos foi primeiro subverter o tradicional terreno confortável para os setores dominantes em um meio para uma vitória política. E aprofundou

ao construir um governo que unia a disputa institucional ao povo ocupando as ruas, universidades, escolas, sindicatos, parlamento para lutar por mudanças urgentes e conquistar corações e mentes com poesia, música, literatura e teatro com muita capacidade de disputar a hegemonia na política e na sociedade.

A questão das Forças Armadas

Um tema sempre relevante nos processos de luta, revoluções e contrarrevoluções é o das Forças Armadas. Em grande parte elas jogaram um papel importante para a vitória das forças do terror. Também em algumas experiências e lutas o papel desempenhado pelas FA foi de respeito à Constituição e na contenção de golpes. Infelizmente esse segundo papel é absolutamente minoritário.

A vitória e a posse da UP foram asseguradas por uma posição das FA Chilenas lideradas pelo general René Schneider, que em julho de 1970 anunciou a linha mestra:

As Forças Armadas não são um caminho ao poder político e nem uma alternativa a esse poder. Elas existem para garantir o trabalho regular do sistema político, e o uso da força para qualquer finalidade que não para sua defesa constitui alta traição.

As eleições ocorreram menos de dois meses depois (4 de setembro de 1970) desse discurso e definiu dois nomes para o segundo turno indireto, decidido no Congresso Nacional, realizado em 24 de outubro daquele ano. Dois dias antes dessa votação que definiu a posse do primeiro colocado no voto popular, o general Schneider foi baleado em uma tentativa de sequestro orquestrado pela CIA, que forneceu as armas e recursos financeiros. Tendo resistido ao atentado e ferido na troca de tiros, o general morreu em 25 de outubro, um dia após a confirmação. Essa foi talvez o primeiro ato do golpe, antes mesmo da posse.

A doutrina Schneider era uma manifestação de respeito à soberania do povo e de sua vontade expressa no voto. Desde a eleição

até o golpe, o tema do respeito à decisão popular foi marcado pela forte tensão.

Em 1971, Fidel Castro fez uma viagem para o Chile, percorrendo o país em mais de 20 dias entre reuniões com trabalhadores, estudantes, sindicalistas, lideranças, artistas, partidos e com o governo. A direita ficou em polvorosa. Entre os muitos diálogos estabelecidos entre Fidel e Allende diante de mais uma crise militar no final do primeiro ano do governo, o presidente chileno teria sido questionado sobre a situação das Forças Armadas. Allende respondeu destacando a tradição de não intervenção das FA, expressa em linhas claras pelo general Schneider do ano anterior. Ocasão em que o líder cubano teria feito uma observação certa de que essa seria uma posição instável e que, nos momentos decisivos, como o que se avizinhava, os interesses de classes da qual a hierarquia militar pertencia seriam preponderantes e contra a democracia. E assim se fez.

Lições para o futuro

São muitas as lições desde o já longínquo processo chileno, latino e caribenho para a atualidade. Compreender essa história é o desafio das atuais gerações e impedir que ela se repita é uma das maiores tarefas políticas na América Latina e Caribenha, territórios em que o golpismo está sempre à espreita e conta sempre com o apoio dos EUA.

A formação econômico-social na região tem em comum a herança do colonialismo e escravismo, que influenciam muito para que as classes dominantes locais assumam uma condição subalterna e de integração dependente, sem projetos e nem soberania nacional. Essas classes dominantes colonizadas e escravocratas, sem projeto e sequer preocupadas com a soberania nacional, combatem os setores organizados do povo com violência e preventivamente. Projetos democráticos e de reformas nos marcos das reformas históricas das burguesias pelo mundo são tratados como ameaças ao projeto de sujeição e dependên-

cia, combatidos de todas as formas e com todos os meios. A região conhece bem o que significa isso: golpes e rupturas institucionais a cada processo de luta dos povos que colocasse sob ameaça essa condição de um capitalismo sem projetos, violento e antipopular.

E quanto maior a condição subalterna, associada e dependente desses setores com os EUA e os países centrais, maior a intensidade da reação diante de qualquer aspiração democrática, soberana, de projeto nacional e progressista dos povos. Mais reativas, violentas, preventivas e explicitamente golpistas são as classes dominantes da região.

O projeto neocolonial para a região segue com os mesmos contornos: produção e exportação da mineração, agricultura, pecuária, fonte de energia e trabalho “barato”, combinado com mercado aberto para as grandes transnacionais e compradores de produtos industrializados, de alta tecnologia e que demandam um processo produtivo avançado. Uma sina para os povos do Sul Global que resiste ao tempo, às lutas e a tantas mudanças. O neocolonialismo é uma força política, econômica, cultural-ideológica, militar e tecnológica e é o projeto das classes dominantes para a região. Um projeto das minorias e um não projeto para as maiorias.

Um destaque para o significado histórico desse período verdadeiramente épico no Chile foi a capacidade de travar a batalha ideológica, a luta de ideias, a disputa de corações e mentes. Literatura, poesia, música e todos os campos das artes; jornais, panfletos, cartazes, pichações; discursos, shows, atos, agitação e propaganda, uma infinidade de iniciativas, métodos e frentes para levar os debates mais estratégicos para o conjunto da sociedade e mais especificamente para que fossem os debates populares presentes nos bairros, chãos de fábricas, escolas, teatros, praças, igrejas e por todo canto.

A importância estratégica da luta de ideias tratada com centralidade foi capaz de envolver milhões nos temas candentes daqueles

anos intensos e efervescentes por todo o Chile. Uma onda de ideias politizando a sociedade. O presidente Allende em discursos sempre didáticos, claros, diretos e aplicando a pedagogia popular e de massas. Neste livro apresentamos alguns que tiveram grande impacto e força simbólica. Vale observar a precisão dos termos, a força das ideias e da esperança nas mudanças profundas.

A capacidade de disputar a democracia para que ela fosse uma ferramenta das maiorias para as maiorias foi uma das características desses tempos. Uma força arrebatadora nas ruas, escolas, fábricas, minas de cobre tomaram o futuro nas mãos e iniciaram a construção de uma sociedade com democracia, liberdade, direitos, soberania e projeto nacional com profundidade e radicalidade. Os chilenos, liderados por Allende, fizeram da esperança uma arma e transformaram o incerto futuro em um campo de disputas em que a força do povo seria a condutora das mudanças.

O golpe interrompeu essa construção. Sabemos o que houve após isso: desaparecimentos, prisões, exílios, mortes e a tortura como método. A resposta foi destruição e ódio. E deu um recado ao povo: não se atrevam a lutar por seus interesses reais. Mas eles não podem parar a história, não têm projeto para resolver os graves problemas do povo e não matam sonhos com desaparecimentos, mortes, tortura e mentira. Interrompem, e por isso temem sempre que os fantasmas sonhadores do passado e as forças reais do povo do presente retomem os tantos sonhos interrompidos e avancem na construção da sociedade livre, solidária, fraterna e verdadeiramente democrática. E que bom que tenham pesadelos, que tremam de medo, a história não permite que eles durmam em paz.

Assim nos ensinou Allende, naquela dura manhã:

não se detém os processos sociais nem com o crime nem com a força. A história é nossa e a fazem os povos.[...]

Saibam que, antes do que se pensa, de novo se abrirão as grandes alamedas por onde passará o homem livre, para construir uma sociedade melhor.

E novamente Pablo Milanes:

Un niño jugará en una alameda
Y cantará con sus amigos nuevos
Y ese canto será el canto del suelo

Allende vive, hoje e sempre. Em memória de tantos/as lutadores/
as silenciados/as pela ditadura chilena. Não serão esquecidos/as!

São Paulo, 26 de agosto de 2023.